



Um cancionero estradense

Isabel Rei Samartim

isabelreibr@yahoo.com.br

Resumo. A família dos Valladares, naturais de Vilancosta, Berres, A Estrada, era conhecida principalmente pela obra literária dos irmãos Marcial e Avelina. Com a investigação de José Luís do Pico Orjais e Isabel Rei Samartim descobrem-se os Valladares músicos e o seu enorme arquivo musical. Um dos primeiros frutos dessa descoberta é a edição do cancionero de música popular de Marcial Valladares, intitulado *Ayes de mi país*, datado em 1865 e publicado com edição crítica em 2010.

Abstract. The Valladares family, from Vilancosta, Berres, A Estrada, was best known for the literary work of the brother and sister Marcial and Avelina. José Luís do Pico Orjais and Isabel Rei Samartim's research sheds light on the Valladares musicians and their massive music library. One of the first fruits of this discovery is the edition of the song book of folk music by Marcial Valladares, entitled *Ayes de mi país*, dated 1865 and published with a critical edition in 2010.

Publicou-se no ano 2010 uma edição crítica do cancionero elaborado pelo polígrafo estradense Marcial Valladares (1821-1903), intitulado *Ayes de mi país*, datado em 1865. Vem a ser a coleção de canções tradicionais galegas mais antiga da que se tem constância até o momento. Algumas das canções foram editadas em diferentes publicações ao longo dos séculos XIX e XX, mas o cancionero completo, tal como o tinha preparado o seu autor, permanecia até agora inédito. O encadernado volume, escrito do punho e letra de Marcial Valladares, descansava havia mais de 150 anos na biblioteca da Casa Grande de Vilancosta, Berres, morada da família Valladares, que ainda hoje se mantém conservada de maneira admirável pelos seus herdeiros.

Uma estradense, nascida no desaparecido hospital dos irmãos Satúrio e Manuel de la Calle, criança a brincar na avenida de Ponte Areias, onde no número 2 um cuidadoso capataz, carpinteiro e músico, abria diariamente as portas da “Droguería Rey” ajudado

pela sua Preciosa e maternal esposa, depois jovem estudante no liceu “Manuel Garcia Barros”, sócia da Sociedade Cultural “Marcial Valadares” e da Sociedade Astronómica da Estrada, fugida da vila para estudar música na Crunha e, a seguir, de peregrinação com a guitarra ao lombo durante mais de uma década, que atualmente pára em Santiago de Compostela onde costuma dar aulas no Conservatório Profissional de Música, foi convidada por José Luís do Pico Orjais, quem já tinha estado anos antes visitando Vilancosta, para realizar conjuntamente o trabalho da edição do cancioneiro de Marcial Valladares.

E foi assim que em 2006 José Luís e mais eu entramos no espaço da biblioteca da Casa Grande de Vilancosta. Entre os livros, retratos de família, árvores genealógicas, grandes tomos forrados em pele e os papéis soltos, repousava com paciência um piano-forte bem conservado, lá também estavam o cancioneiro, outros cadernos de música e um conjunto de centos de partituras, manuscritas e editadas para vários instrumentos: piano, canto, violino, flauta e guitarra.

Afinal os Valladares eram também músicos. Estudando as partituras e outros documentos descobríamos que Marcial estudava violino e piano, a irmã Avelina tocava a guitarra, o irmão Sérgio, a flauta, as irmãs pequenas Luísa e Isabel, o piano. Possivelmente todos cantavam e daí a quantidade de transcrições de árias italianas e canções da época que figuram no arquivo familiar. O próprio cancioneiro foi elaborado com melodias tradicionais galegas e acompanhamento de piano. Com certeza, as tardes musicais nessa casa deviam ser todo um espetáculo com provável eco e resposta nas visitas da família aos parentes e amigos dos outros paços da comarca.

Jurista de profissão como o pai José Dionísio, promotor da cultura musical dos seus filhos, Marcial Valladares foi também autor de um dicionário, uma gramática com a sua própria proposta ortográfica, várias novelas, numerosos poemas, um diário de família, outro tipo de estudos como o da botânica da Ulha ou as colaborações com Fontão ou Madoz, e começou a recolher música popular da nossa comarca arredor do ano 1840, contando ele 19 anos. O seu constante e ordenado labor de recolha e a sua generosidade difundiram as cantigas da Ulha por todos os cancioneiros que depois se

seguiram: desde a inicial publicação em 1866 de um apêndice com algumas melodias na *História da Galiza* de Manuel Murguia, aos cancioneiros de Felipe Pedrell, Marcial do Adalide, José Inzenga, Casto Sampedro e Folgar, Val e Torner, Fernandes Espinosa e Daniel Gonçalves. Também Faustino Santalizes guardava uma cópia do cancioneiro de Marcial Valladares.

O seu método era singelo, a vida de fidalgo em Vilancosta não o afastava do mergulho diário na cultura popular: festas, romarias e serões arredor da lareira partilhando o calor do lume com os trabalhadores da fazenda, eram as suas fontes. Depois vinha a parte de fixar no papel o aprendido e nos deixar em herdo aquela sabedoria dos antigos. O cancioneiro, que contém a primeira classificação de música popular galega, foi dedicado às suas irmãs como presente familiar, legado histórico e projeto de construção de uma música nacional galega que levava a canção popular aos salões da elite onde também se tocava Verdi e Beethoven.

A harmonização das peças queria ser de carácter clássico, singelo e funcional, incluindo a linha do canto como guia de afinação e estilo. O cancioneiro era colar de elegantes pérolas, com canções breves ou tão longas quanto o número de estrofes que se desejasse cantar. Como a sua paixão musical era forte incluiu no cancioneiro uma Moinheira para piano da sua autoria, recriação erudita inspirada nas moinheiras populares. No campo da composição também se conservam, em manuscrito à parte, uma dança para guitarra composta por Avelina, e em outro caderno, umas peças para piano do próprio Marcial.

Depois de casadas as outras irmãs e mais o irmão Sérgio, e quando finalmente pai e mãe morreram, Marcial e Avelina ficaram a conviver sozinhos e solteiros na casa. Nessa altura, a vida em Vilancosta até a morte de ambos¹ deveu ser muito solitária, ou assim o evocam estes versos de Avelina:

1 Avelina morreu em 1902, com 76 anos e Marcial em 1903, um mês antes de cumprir os 82, ambos na Casa Grande de Vilancosta, Berres.

Voai, voai ilusões
 que no meu delfrio forjei,
 quando em doces emoções
 sonhos de amor arelei.

Voai ... e ao bem que inda adoro
 com ardente frenesi
 dizei que em contínuo choro
 passo os meus dias aqui.²

É tentador imaginar nesse tempo aos Valladares a lembrar alguma das peças do cancionero. Sentados ao piano numa solitária tarde da verde Berres poderiam soar no salão da Casa Grande os alalás, as cantinelas, as moinheiras, as tríades dos Cantos do pandeiro, ou os de Natal se fosse a época, como o Vilancico, de origem provavelmente erudita mas recolhido do cantar da gente, ou o Cantar de Reis dias depois do Ano Novo. No carnaval, nas fogueiras do solstício de verão, pelo São João, ou antes, na noite do 30 abril, quando os vizinhos saíam “alumiá o pão”, que era lavar os lavrados campos com o lume dos fachos relumbrantes como relata Vicenti³, o senhor de Vilancosta talvez fosse encontrar a lembrança de uns olhos aos que poderia ter cantado aquela copla do Alalá 1 que abre o cancionero:

Na alma se me cravou
 A raíz do teu querer
 Mentres no mundo viver
 Outro amor não hei de ter

De volta da romaria oferecida à rainha Isabel II, de visita em Compostela em 1858, conversando com algum dos seus empregados poderia ter agromado aquela formosa quadra da Cantinela 5:

2 Tradução minha ao galego das últimas estrofas do poema original “La ausencia”, no volume de poemas de Avelina Valladares publicado por LUNA SANMARTÍN: *Ond’o sol facheaba ô amanecer*, Estrada, Fouce, 2000, pp. 113-114. Vá desde aquí um agradecido reconhecimento ao professor Luna Sanmartín pela ajuda prestada no decurso desta pesquisa, agradecimento que foi involuntariamente esquecido na publicação do cancionero.

3 VICENTI: “La última noche de Abril”, *La ilustración gallega y asturiana*, Madrid, 1879, 30 de agosto, t.1, n. 24, pp. 288-289.

Para que sobes tão alto
Atrevido pensamento?
Para que tão alto sobes
Se tens que baixar co tempo?

Ou depois de uma memorável foliada⁴, a sóbria e sábia tríade em estilo filosófico popular do Cantar do pandeiro 2:

Deixa-te andar, já veremos:
O mundo dá muitas voltas:
Nós também assim faremos.

A edição crítica deste cancioneiro que se pode chamar, com orgulho, estradense contém a reprodução fotográfica de cada uma das páginas do original junto com a sua transcrição moderna, um estudo historiográfico, um estudo analítico e alguns anexos com outros documentos musicais de interesse, como são as peças compostas por Avelina e Marcial, ou a obra para conjunto de instrumentos do médico e amigo José Maria Gil Rei, resgatada de uma carta dirigida à família. Foi já apresentado em Compostela, Rianjo, Monforte, Alcalá de Henares e Braga, e acompanhado com a interpretação de uma seleção de peças para guitarra do conjunto maior de partituras que costumamos chamar *Arquivo Valladares*. Na recente homenagem anual à maior poeta galega e contemporânea dos Valladares, Rosalia de Castro, que se celebra em Padrão, foram recuperadas na formosa voz de Ugia Pedreira quatro das canções do cancioneiro: dous alalás e duas cantinelas⁵. No fim deste artigo reproduz-se uma dessas adaptações modernas para canto e guitarra realizadas do original para canto e piano.

Foi emocionante fazer reviver essas canções esquecidas nas pulcras estantes da casa de Vilancosta, como se uma parte daquele

4 Veja-se a seção “O turreiro da festa: uma foliada em 1843”, com reprodução do texto das Memórias de Família em que Marcial Valladares descreve uma foliada, em DO PICO ORJAIS, REI SAMARTIM: *Ayes de mi país. O cancioneiro de Marcial Valladares*, Baiona, Dos Acordes, 2010, p. 32.

5 O 15 de julho de 2011 foram interpretadas no jardim da casa da Matança quatro peças deste cancioneiro, os Alalás 1 e 2, a Cantinela 5 e a Outra Cantinela 5, pela cantora Ugia Pedreira e a guitarrista Isabel Rei, o programa completou-se com uma adaptação para canto e guitarra da Negra Sombra, baseada no arranjo de A. Rocha, e outra do Hino Galego.

mundo oitocentista galego e ulhão acordasse de um longo sono no atual século vinte e um. Homenagem indispensável, ainda que insuficiente, a quem foi um intelectual completo, pioneiro no estudo da música galega e profundo devoto da sua terra, do vale do Ulha e das suas gentes. Lembremos três das vinte e uma quadras compostas pelo autor de *Magina* sobre Vilancosta:

Em Vilancosta nasci
E nela penso morrer,
De cote lhe tive lei
E juro não lha perder.

As augas de Vilancosta
São frescas e saudosas;
As moças que delas bebem,
Agudas e donairosas.

O senhor de Vilancosta
Só a ela tem apego;
Vive entre seus lavradores,
Honra-se de ser galego.⁶

Muitas homenagens fazem falta para a Estrada honrar como se merece a memória dos Valladares. No âmbito da iniciativa cívica, em 1977 surge a *Asociación Cultural “Marcial Valladares”* e em 1990 funda-se a Sociedade Cultural “Marcial Valadares”, de consciência reintegracionista e ativo trabalho em prol da cultura estradense. Entre as suas publicações figuram a recuperação de algumas obras⁷ do jurista e historiador Fermim Bouça Brei (1901-1973), quem dedicou exemplar atenção a estudar a figura valadariana⁸. A Socie-

6 FERNÁNDEZ SALGADO: *Marcial Valladares. Poesía, Xerais, Vigo, 2003*, pp. 216-219. Adaptação minha à norma gráfica internacional para o galego. Também Avelina compôs formosos poemas em honra de Vilancosta, o vale do Ulha e a Galiza.

7 Estas obras são: *As terras da Estrada na obra de Fermin Bouza Brey (guia bibliográfico)* (1992), uma relação completa dos trabalhos deste autor sobre a nossa comarca acompanhada de uma tradução do pregão que Bouça Brei pronunciou nas festas patronais do ano 1957, elaborada por José André Porto que assina o “Esboço biobibliográfico” junto de Francisco Xavier Paz Garça; e o artigo *Castros da comarca da Estrada* (1993), originalmente publicado nos *Cuadernos de Estudios Gallegos* (1944), traduzido por José André Porto junto de um apêndice onde se recolhe um outro artigo “Gravura rupestre do castro de Codessedá”, cuja primeira publicação foi no boletim da RAG (1942). Estas publicações da associação foram patrocinadas pela câmara municipal estradense.

8 Expressamente sobre Marcial Valladares, BOUÇA BREI publicou: (1951) “Poesia gallega inédita de Marcial Valladares a Rosalía de Castro”, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, t. VI,

dade Cultural “Marcial Valadares” esteve em funcionamento até o ano 2001⁹ em que edita o número 11 da revista *O Frade e a Gralha* com um bom resumo da sua atividade e publicações. Nesse número, dedicado inteiramente a Bouça Brei, pode ler-se o seguinte parágrafo do artigo de Isabel Rodrigues¹⁰:

Com o início do século XXI, desde estas páginas lembramos com gratidão F. Bouça Brei no centenário do seu nascimento (Ponte Areias, 31 de março de 1901). Pioneiro do movimento reintegrador galego-português e preocupado por todos os aspectos da nossa cultura, o polígrafo ponteareano não deixou de investigar, durante os anos em que permaneceu na Estrada (1930-1943), o nosso património cultural, legando-nos grande quantidade de trabalhos sobre a nossa história, o cancionero tradicional, os castros, a obra de Marcial Valladares, arquivos, igrejas, capelas, lendas, vocabulário... Ainda em 1970 foi promotor da homenagem estradense e galega a Marcial Valladares, a quem se lembrou no Dia das Letras. Anos mais tarde, em 1992, ao próprio Bouça Brei se dedicou o 17 de maio, sendo aproveitado o ensejo pelo reintegracionismo estradense para a realização de diversas iniciativas.

Novamente é a iniciativa reintegracionista, apoiada por uma instituição linguística como é a Academia Galega da Língua Portuguesa, e por uma instituição musical como é a escola de música tradicional A Central Folque, quem, com a inestimável ajuda da editora Dos Acordes, enceta a recuperação do legado musical dos Valladares, devolve ao presente as antigas canções da Ulha e o projeto de construção da música nacional galega, herança histórica, musical e cultural do mais alto valor para a comarca estradense e para a cultura galega e universal.

pp. 275-277; (1956) “Achegos pra a bibliografía de Marcial Valladares como etnógrafo”, *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. XXVII/309-320, pp. 10-23; (1970) “Semblanza de Marcial Valladares”, *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXX/352, pp. 430-437, mas na obra do ponteareano as referências ao trabalho do estradense são contínuas. Para uma bibliografia completa sobre Marcial Valladares ver FERNÁNDEZ SALGADO: *Marcial Valladares (1921-1903). Língua, literatura e folclore*. Tese de doutoramento, Compostela, USC, 2002.

- 9 Graças fundamentalmente ao trabalho do estradense José André PORTO TABOADA, quem também elaborou uma interessante “Cronologia da Cultura Estradense Contemporânea” em que informa de ensaios associativos, eventos culturais, sociais e políticos, publicações galeguistas e reintegracionistas estradenses desde 1975 até o 2001.
- 10 RODRIGUES: “Lembrança de Bouça Brei”, *O Frade e a Gralha*, ano IV, inverno 2001, n. 11, p. 2. Sobre o reintegracionismo e Marcial Valladares, Joaquim RODRIGUES DE CASTRO resume com pormenor uma magnífica análise dos *Elementos de Gramática Galega* (Vilancosta, 1892) no artigo “Cem anos da Gramática de Valadares”, *Quarto Crescente*, Estrada, maio de 1993, n. 1, pp. 3-7. Sobre o mesmo assunto ver também as obras de R. CARVALHO CAEIRO (1970, 1970a, 1970b, 1972, 1974 e 1981).

Alguns endereços de Internet relacionados

Blogue *Ilha de Orjais*: <http://ilhadeorjais.blogspot.com/>

Página web Isabel Rei: <http://isabelrei.com/>

Editora Dos Acordes: <http://dosacordes.es/>

Academia Galega da Língua Portuguesa: <http://www.academiagalega.org/>

A Central Folque: <http://www.folque.com/>

Loja on-line *Imperdível*: <http://www.imperdivel.net/musica/123-ayes-de-mi-pais-o-cancioneiro-de-marcial-valladares.html>

Resenha do cancionero na revista Brasil-Europa: <http://www.revista.brasil-europa.eu/126/Ayes-de-mi-Pais.html>

Anexo

Alalá 1

do cancionero *Ayes de mi país* de Marcial Valladares

Isabel Rei, julho 2011

Adagio / Amoroso e flébil

Canto

Guitarra

Na al - ma se me cra - vo - u a ra - iz do ieu que -
 re - re Men - tres no mun - do vi - ve - re
 ou - trô - mor não há de te - re